

VATICANO II: O DIÁLOGO COM O MUNDO
VATICAN II: THE DIALOG WITH THE WORLD

OS PAPAS DO VATICANO II E O DIÁLOGO COM A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*The popes of Vatican II and the dialog with
the society contemporanea*

Ney de Souza*
Edgar da Silva Gomes**

RESUMO

A situação eclesial da atualidade revela uma instituição repleta de surpresas na sua relação consigo própria e com a sociedade. O artigo apresenta o processo histórico-teológico da formação dos papas João XXIII e Paulo VI, ambos na dinâmica do Concílio Vaticano II e da modernidade. A finalidade deste estudo é buscar as raízes da formação de ambos, sua atividade e conseqüências para o processo histórico posterior.

Palavras-chave: João XXIII. Paulo VI. Vaticano II. Modernidade.

ABSTRACT

The ecclesial situation today reveals an institution full of surprises in its relationship with itself and with the society. The Article presents the historical process-theological training of popes John XXIII and Paul VI, both in dynamic of Vatican II and of modernity. The purpose of this study is to seek the roots of the formation of both, his activity and consequences for the historical process later.

Keywords: John XXIII. Paul VI. Vatican II. Modernity.

* Ney de Souza, Pós-Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. <ney.souza07@terra.com.br>.

** Edgar da Silva Gomes, Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de História do Cristianismo no COGEAE da PUC-SP.

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 44	n. 1	p. 5-27	jan.-abr. 2014
----------------	--------------	-------	------	---------	----------------



Introdução

O tema Concílio Vaticano II é difícil e fascinante. Difícil, pois é o entroncamento de diversas tendências históricas e teológicas que se encontram em seu interior, originárias, obviamente, de um longo processo histórico. Fascinante porque abre um novo horizonte para a Igreja. Um verdadeiro ponto de partida como afirmou Paulo VI e um canteiro de obras no pensamento de Karl Rahner. O período que envolve sua convocação no dia 25 de dezembro de 1961 com a Constituição apostólica *Humanae salutis*¹ do papa João XXIII, até seu encerramento com a Carta apostólica² do papa Paulo VI no dia 8 de dezembro de 1965 na solenidade da Imaculada Conceição, provocou um turbilhão de emoções entre os artífices das importantes mudanças que ocorreriam na vida da Igreja. Dúvidas e expectativas também atingiram os fiéis do catolicismo, e por que não colocar nesta conta os críticos dessa bimilenar instituição, que acompanharam os trabalhos das comissões preparatórias e o desenrolar do concílio? Para contribuir com as reflexões sobre este importante evento na vida da Igreja, quase cinquenta anos após a finalização dos trabalhos conciliares, que deram início ao sonhado *aggiornamento* proposto pelo papa João XXIII e levado adiante pelo seu sucessor Paulo VI, propõe-se neste texto um breve caminhar pela história de vida desses papas que souberm fazer uma leitura precisa do contexto histórico para propor a tão necessária atualização da Igreja Católica e dialogar com a contemporaneidade. Adentrar ao mundo biográfico dos papas do Concílio Vaticano II é reconhecer a importância não somente do indivíduo, mas do contexto em que foi formada sua personalidade e sua teologia. Personalidades que conseguiram realizar uma leitura dos sinais dos tempos, sem dúvida, haviam percebido que o tempo é superior ao espaço. Assim, souberam trabalhar para obter resultados em longo prazo e não por imediatismos. O texto, portanto, contribui também para uma reflexão crítica do processo histórico em que estes papas foram formados e atuaram, revelando o princípio daquilo que já começa a ser visualizado no início do século XXI através do pontificado do papa Francisco: simplicidade, Igreja em constante diálogo com a sociedade e barramento aos anacronismos.

¹ AP (Acta et documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando), I, p. 140ss.

² AS (Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Vaticano II), IV/7, p. 867-886.

1 Antecedentes Políticos, Econômicos e Religiosos do Concílio Vaticano II

Atrás dos muros do Vaticano, o tempo parece estar parado. À sombra da basílica de São Pedro, a vida segue com ritmo e aparência de dois mil anos atrás. O chefe da Igreja católica, vigário de Jesus Cristo, servo dos servidores de Deus e regente absoluto, o papa governa este reino em um espaço de cinquenta metros quadrados. Não deve responder a nenhuma autoridade terrena, e responde unicamente a Deus e a sua própria consciência.³

Os papas do Concílio, João XXIII e Paulo VI, estavam imersos em um cenário multicultural, dividido politicamente entre duas grandes potências políticas: Estados Unidos e União Soviética, detentoras de grande arsenal nuclear e poder econômico que colocou o mundo sob a tensão de um iminente fim dos tempos. Apesar da divisão político-geográfica imposta pela guerra fria, Estados Unidos e União Soviética procuraram influenciar o maior número de seguidores para além deste teórico marco geográfico. Através do poderio econômico e da coerção militar, conseguiram a adesão de “estados-satélites”, ou seja, países que permaneciam “sob a proteção” dos dois guardiões da política e da economia mundial, como nas antigas conversões católicas com os soberanos medievais, ou dos príncipes alemães da reforma, os súditos deveriam seguir a ideologia imposta por seu “protetor”.

Em qualquer manual de história geral sobre o século XX, podemos encontrar uma definição convencional de como a economia e a política estavam polarizadas entre as duas grandes potências que emergiram do pós-guerra: Estados Unidos e União Soviética.⁴ Adveio dessa polarização ideológica uma acirrada disputa pelo maior número de aliados, marcando um longo período que ficou conhecido como “Guerra Fria”.⁵

Os Estados Unidos acreditavam estar defendendo a “democracia”, e nessa esteira todo seu arcabouço ideológico capitalista, impondo aos

³ KNOPP, Guido. *Vaticano e Pontefici*. Milano: Hobby e Work, 2005, p. 7.

⁴ BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História contemporânea*. São Paulo: Circulo do Livro, sd, p. 85-112; HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. O breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 223-252.

⁵ JUDT, Tony. *Pós-Guerra uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 143-177.

seus aliados uma ditadura capitalista aviltante, contra os países capitaneados pela União Soviética, representante da ideologia comunista-marxista, contrária ao ideal americano, e grande parte do mundo ocidental. Na Igreja, segundo Anna Carletti, “um novo cenário se configurou diante da Santa Sé, o nazismo e o fascismo (...) não existiam mais, enquanto o inimigo da Santa Sé estava entre os vencedores, o poder comunista aos olhos do Vaticano ameaçava avançar (...)”.⁶

Para o papa Pio XII (1939-1958), esse era um cenário aterrador; o catolicismo sempre foi inimigo visceral das teorias materialistas e comunistas ateias. Automaticamente o aliado unívoco da Santa Sé em sua cruzada anticomunista passou a ser os Estados Unidos que também via com simpatia esta aliança, pelo alcance e penetração do catolicismo, nesse contexto, em países com interesses estratégicos dos americanos contra o avanço dos soviéticos, principalmente na América Latina, região em disputa pelas duas grandes potências para disseminarem sua ideologia. Era a busca pela hegemonia política para enfraquecer o oponente. A Guerra Fria e seus desdobramentos causaram inúmeros males aos aliados políticos de ambos os lados, e pode-se dizer que ainda hoje alguns dos denominados países satélites sofrem as consequências das disputas desse passado tão presente.

O abandono sentido pelos católicos latino-americanos foi a consequência do alinhamento político da Santa Sé com os americanos que também financiavam a “propaganda” vaticana contra o comunismo soviético. Segundo Giancarlo Zizola “importantes fundos americanos afluíam nas caixas do Movimento Por Um Mundo Melhor do Padre Ricardo Lombardi e da Ação Católica para fazer face ao comunismo”.⁷ A cruzada anticomunista era uma questão de honra para Pio XII e, em 13 de julho de 1949, ameaçou os católicos que aderissem ou propagassem o comunismo com a excomunhão por meio de um decreto da Congregação do Santo Ofício, fato que foi comemorado pelo governo americano.⁸

Mas, esse volume de investimentos também sofreu resistência dentro da Cúria romana. Giovanni Battista Montini, futuro papa Paulo VI, se opunha a este alinhamento com os americanos. A consequência

⁶ CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo do Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 120.

⁷ ZIZOLA, Giancarlo. *Santità e Potere*. Milano: Sperling e Kupfer, 2009, p. 10.

⁸ ALBERIGO, G. La condenación de los comunistas en 1949. In: *Concilium* 107 (1975) p. 114-122.

desta resistência por parte de Montini foi ser visto com desconfiança pelos bispos e purpurados conservadores, o que provocou seu afastamento da Cúria e de seu cargo de subsecretário de Estado, ganhando como prêmio de consolo a nomeação para arcebispo de Milão. O futuro papa Paulo VI não foi elevado à púrpura cardinalícia por Pio XII, apesar do papa ter um colégio cardinalício pouco numeroso, velho e conservador. Com João XXIII veio a púrpura e a chance de se tornar seu sucessor. O que ocorreu alguns anos depois. Após a morte de Pio XII, o nome de Montini seria um dos nomes favoritos para sucedê-lo ao cargo máximo do catolicismo. Preterido poucos anos antes por sua até então postura política um tanto quanto liberal para os padrões de uma cúria conservadora e anticomunista, o jovem e bem-articulado arcebispo de Milão não aguardou muito tempo para assumir o cargo de sumo pontífice.

Durante todo seu pontificado Pio XII não foi amistoso ou procurou um diálogo com a União Soviética. O papa criticou o tratamento dispensado pelos governos comunistas ao catolicismo,⁹ e tentou se aproximar da Polônia, sem sucesso. Chamou de “igrejas do silêncio” o catolicismo sob o domínio dos comunistas. O que ficou registrado dessa relação foram as animosidades de ambas as partes e as condenações abertas do papa à ideologia comunista ateia. Pio XII também criticou os países imperialistas como, por exemplo, na encíclica *Fidei Donum* (1957),¹⁰ apresentando as condições das missões católicas particularmente na África. De forma mais branda, falou contra a sociedade de consumo segundo os valores da Doutrina Social da Igreja onde os direitos dos homens estão acima dos bens materiais. Também desconfiava dos bispos americanos, produto do *american way of life*,

Até os últimos anos, continuou sua campanha contra o comunismo, mantendo seu alinhamento com os EUA (...), porém, Pio XII, mantinha certa desconfiança. De fato, julgava perigosa também aquela *american way of life* que estava difundindo-se sempre mais na Europa, e desconfiava do protestantismo que nos Estados Unidos superava em número e influência o catolicismo. Os bispos estadunidenses lhe pareciam progressistas demais, por isso durante seu pontificado, mesmo aumentando o número de prelados

⁹ RICCARDI, Andrea. Pio XII. In: LEVILLAIN, Philippe (dir.). *Dizionario Storico del Papato*. Bompiani: Milano, 1996, p. 1179.

¹⁰ *Enchiridion delle Encicliche (EE)*. Bologna: Dehoniane, 1995, p. 1130-1171.

americanos presentes na Cúria Romana, os lugares-chaves do governo da Santa Sé permaneciam nas mãos de italianos.¹¹ (sic)

Pio XII foi um político sagaz no relacionamento com o governo italiano e um bom diplomata antes, durante e depois da Segunda Guerra. O papa Pacelli deixou de herança para seus sucessores um catolicismo anticomunista e, uma ótima relação com a “democracia” americana.

A Santa Sé, sob a liderança de Pio XII, que decidiu levar para frente sozinho a política internacional da Santa Sé, influenciou não somente a política italiana, mas também participou do surgimento da principal instituição multilateral, a ONU (...) Quando a ONU foi fundada, Pio XII enviou já em 1948 um observador oficial da Santa Sé junto à nova instituição. Em 1951, a Santa Sé entrou no Conselho executivo do Alto Comissariado para os Refugiados. Em 1964, um Observador Permanente, Monsenhor Alberto Giovannetti, instalou-se em Nova York. Isso lhe permitiu aproximar-se das nações participantes da ONU. Em relação à Europa, o projeto de sua unificação era um ulterior ponto em comum entre a política internacional da Santa Sé e a política dos Estados Unidos. Após a II Guerra Mundial, Pio XII dedicou muito do seu tempo a trabalhar ardentemente para esse objetivo, estimulando os futuros protagonistas dos primeiros acordos europeus. (...) Pio XII trabalhou para a unidade europeia (...) Por essa mesma razão, Pio XII devia acolher os financiamentos do Plano Marshall que visavam reforçar a Europa para constituir o bloco ocidental contra os soviéticos.¹² (sic)

No entanto, seus sucessores imediatos, tanto João XXIII quanto Paulo VI, não comungaram com a postura radical contra o bloco soviético. Também tentaram fazer com que o catolicismo respirasse novos ares e procuraram abrir as janelas do Vaticano para tirar o mofo existente nos intramuros que haviam se fechado para o mundo, mais radicalmente, com Pio IX e a encíclica e seu anexo, respectivamente, *Quanta Cura e Syllabus*¹³ que condenavam os “erros da modernidade”.

¹¹ CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo do Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 126.

¹² *Ibidem*, p. 123-124.

¹³ DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Gregório XVI e Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 248-275.

Assim, passamos a falar sobre os Papas do Concílio Vaticano II e os novos ares que insistem em se chocar contra as baforadas de retorno a um passado político conservador e imperialista do catolicismo, que, segundo o julgamento do jesuíta alemão Deschner, lhe daria a possibilidade de “restabelecer um tipo de poder cristão-carolíngio (...). O pontificado de Pio XII começou seu eclipse acompanhando de certa forma a decadência de uma Igreja que parecia não saber mais dialogar com o mundo contemporâneo”.¹⁴

2 João XXIII, um papa de *transição* (1958-1963)

Não se brinca impunemente com a história! Quando uma instituição de idade vinte vezes secular, como é o caso da Igreja católica, seguida por milhões de fiéis e respeitada até pelos seus inimigos e adversários, quando uma instituição como essa anuncia a sua doutrina, e mais, quando desenvolve uma vasta ação política em âmbito mundial para consolidar esses preceitos doutrinários, ela arrasta consigo forças incomensuráveis, provoca jogos de poder e desencadeia envoltimentos que nem sempre pode controlar ou sequer prever os resultados.¹⁵

Durante o século XIX, a Igreja católica reage ao que considerava provocações da sociedade contemporânea à moral e aos dogmas do catolicismo.¹⁶ Nesse bojo não havia distinção a nenhuma vertente político-intelectual: se sentiu afrontada quando Napoleão capturou o papa Pio VII; atacou também os intelectuais, como por exemplo, Marx e Engels, ou seja, combateu e condenou além da esquerda em todos os seus matizes, o capitalismo e suas teorias sociopolíticas. Somente na segunda metade do século XX é que esta política defensiva em relação ao mundo moderno foi distendida com as atitudes dos papas João XXIII e Paulo VI ao realizarem o Concílio Ecumênico Vaticano II.

¹⁴ Pensamento registrado por CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo do Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 126.

¹⁵ MANOEL, Ivan A. *O Pêndulo da História: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: UEM, 2004, p. 133.

¹⁶ SOUZA, Ney; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Catolicismo e sociedade contemporânea*. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013, p. 51-63.

João XXIII (1958-1963),¹⁷ um papa de *transição*,¹⁸ surpreendeu o mundo, primeiro por ter sido eleito,¹⁹ segundo por ter enfrentado o medo de abertura do catolicismo ao mundo e convocado um Concílio Ecumênico para surpresa da maioria dos purpurados da Cúria romana. Interessante o comentário de Arendt sobre a eleição: “O que é estarrecedor não é que ele não estivesse entre os *papabile*, mas que ninguém tivesse consciência quem ele era e tenha sido eleito porque todos o consideravam uma figura sem maiores consequências”.²⁰ Quando eleito, escolheu o nome João, rompendo o silêncio secular desde o início do século XV. Neste período outro havia escolhido este nome e passou para a história como antipapa. Roncalli não tem medo da história e decide chamar-se João. São diversas as motivações para escolher este nome: nome do pai, inúmeras as catedrais com este título, inclusive Latrão, João Batista e Evangelista, 22 papas e quase todos com pontificado breve.²¹ Através de seu ato de coragem, procurou tirar o mofo acumulado atrás dos muros do Vaticano por mais de um século e, anunciou uma nova fase para o catolicismo como sendo de alegria para a Igreja. Quem foi este homem que revolucionou a Igreja na segunda metade do século XX? Quais são suas origens e sua história antes do pontificado?

Ângelo Giuseppe Roncalli, o quarto de uma prole de treze filhos, nasceu no povoado de Sotto il Monte, na província de Bérgamo, Itália, no dia 25 de novembro de 1881, de família pobre de camponeses. A formação religiosa, segundo o próprio Roncalli afirmava, deveu-se, “Ao seu tio Xavier, (...) a sua primeira e fundamental formação religiosa. O clima religioso da família e a fervorosa vida paroquial foram a primeira escola de vida cristã, que marcou a sua fisionomia espiritual”.²² O ambiente familiar é caracterizado pelo número elevado de membros

¹⁷ *Um curriculum vitae* em AAS 50 (1958) p. 902; ALBERIGO, G. Il pontificato di Giovanni XXIII. In: FLICHE, A.; MARTIN, V. (dir.). *Storia della Chiesa*. XXXV/1, Milano, San Paolo, 1994, p. 15-19.

¹⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *Ângelo José Roncalli*. João XXIII. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 159; ZIZOLA, Giancarlo. *Il conclave, storia e segreti*. Roma: Newton Compton, 1993, p. 216-238.

¹⁹ Várias outras informações sobre João XXIII podem ser encontradas no seu *Diário íntimo*, que foi editado pelo seu secretário Loris Capovilla, Livraria Agir Editora, 1964.

²⁰ ARENDT, Hannah. Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963. In: ID. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

²¹ ALBERIGO, G. Op. cit., p. 162.

²² <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html>. Acesso em: 20/10/2013, 00H30.

e pela limitação de recursos econômicos. Os seus hábitos espirituais formaram-se no relacionamento com a sua família e os seus educadores espirituais Rebbuzzini, Spolverini e Radini Tedeschi.²³ O papa Roncalli procurou manter vivo o relacionamento com seus parentes, respeitando as diferentes realidades: a sua de padre e a de sua família.

O jovem Roncalli estudou os dois primeiros anos de teologia no seminário de Bérghamo, sendo admitido no ano de 1896 na ordem franciscana secular, na qual professou as regras em maio de 1897. Com uma bolsa de estudos que ganhou de sua diocese, foi aluno do Pontifício Seminário Romano, recebendo a ordenação sacerdotal em agosto de 1904 – Roma. No ano de 1905, foi nomeado secretário do bispo de Bérghamo, D. Giacomo Radini Tedeschi, o que lhe possibilitou fazer inúmeras viagens, visitas pastorais e colaborar com múltiplas iniciativas apostólicas como sínodos, redação de boletim diocesano e obras sociais. Colaborou com o jornal católico da diocese de Bérghamo e foi assistente da Ação Católica Feminina.²⁴ Foi como professor no seminário da mesma diocese que aprofundou seus estudos sobre três pregadores católicos: São Francisco de Sales, São Gregório Barbarigo (na ocasião era beato e que depois foi canonizado pelo próprio Roncalli no ano de 1960), e São Carlos Borromeu, de quem publicou as Atas das visitas realizadas na diocese de Bérghamo no ano de 1575. Após a morte do bispo de sua diocese, no ano de 1914, do qual foi secretário, o padre Roncalli prosseguiu seu ministério sacerdotal em sua diocese, onde pretendia permanecer.

No ano de 1915, o padre Roncalli foi à guerra defender seu país, pois nos anos de seminarista, em Roma, havia prestado um ano de serviço militar. O padre Roncalli foi convocado como sargento sanitário e nomeado capelão militar dos soldados feridos que regressavam da linha de combate, quando a Itália, após o Tratado de Londres de 26 de abril de 1915, renunciou ao acordo com a Tríplice Aliança, entrando na guerra.

A segunda fase da vida do padre Roncalli teve início no ano de 1921 com sua convocação pelo Papa Bento XV (1914-1922) para integrar o Conselho das Obras Pontificias para a Propagação da Fé, da qual foi presidente, função que o obrigou a percorrer inúmeras dioceses

²³ JEDIN, H. Il Concílio Vaticano II. In ID. (org.) *La Chiesa nel ventesimo secolo*. X, Milano Jaca Book, 1995, p.107.

²⁴ CÁRCEL, Vicente. *Historia de la Iglesia*. III. La Iglesia en la época contemporánea. Madrid: Pelicano, 2009, p. 371-372.

italianas organizando círculos missionários. Mas, a fase romana e a vida aparentemente tranquila de presbítero não duraram por muito tempo. No papado de Pio XI (1922-1938), o padre do pequeno vilarejo de Sotto il Monte foi elevado ao episcopado no ano de 1925, e nomeado como Visitador Apostólico para a Bulgária. Segundo Deschner, “uma missão espinhosa, porque o rei de Sofia era ortodoxo, sua mulher, originária da casa de Savoia, católica, e católica também a educação dos seus filhos”.²⁵

Em 1934 Roncalli foi nomeado para a função de Delegado Apostólico na Turquia e na Grécia e, ao mesmo tempo, administrador do Vicariato Apostólico de Istambul onde se destacou no diálogo com os muçulmanos e os ortodoxos,

(...) era um vasto campo de trabalho. A Igreja tinha uma presença ativa em muitos âmbitos da jovem república, que se estava a renovar e a organizar. Mons. Roncalli trabalhou com intensidade ao serviço dos católicos e destacou-se pela sua maneira de dialogar e pelo trato respeitoso com os ortodoxos e os muçulmanos. Quando irrompeu a segunda guerra mundial ele encontrava-se na Grécia, que ficou devastada pelos combates. Procurou dar notícias sobre os prisioneiros de guerra e salvou muitos judeus com a “permissão de trânsito” fornecida pela Delegação Apostólica.²⁶

Em 1944 Pio XII nomeou Roncalli para ser Núncio Apostólico em Paris, uma nunciatura de primeira classe. Sua nomeação teve a intervenção direta do pró-secretário de Estado, Mons. Montini. Aos cinquenta e três anos de idade, Roncalli foi alçado a cardeal e dois anos mais tarde patriarca de Veneza. Caracterizado pela simplicidade de vida, inclusive nos assuntos diplomáticos mais complexos, procurou agir sempre como um sacerdote. Com esse mesmo estilo, aos setenta e sete anos, chegou ao conclave e foi eleito papa João XXIII, *derrotando* o favorito de seu antecessor, o cardeal Siri, homem de tendência à direita e preferido da Cúria.

Roncalli, homem de centro com tendências à esquerda, ”papabile solo con riserva”, foi eleito papa na décima primeira votação no dia 28

²⁵ DESCHNER, Karlheinz. *La Politica dei Papi nel XX Secolo*, Tomo II Da Pio XII 1939 a Giovanni Paolo II 1991. Milano: Ariete, 2011, p. 350.

²⁶ <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/documents/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html>. Acesso em: 20/02/2013, 03H15.

de outubro de 1958, provavelmente com o apoio dos cardeais franceses. O ponto de desequilíbrio, no entanto, pode ter sido sua obediência quase submissa ao seu antecessor papa Pio XII, o que agradava à Cúria romana e os purpurados conservadores e anticomunistas.

João XXIII esteve longe de ser um “papa de esquerda”; ao contrário, manteve-se alinhado aos seus antecessores na defesa da religião contra o ateísmo. A diferença neste caso foi a sua maior tolerância e diálogo com os representantes dos países comunistas. O papel desempenhado em relação aos países comunistas foi mais de caráter diplomático e dialogal e nunca religioso. Os apelos pelo respeito à religião estavam de forma subliminar na fala do pontífice.

Em se tratando de diplomacia, a resposta foi sempre mais direta, como por exemplo, quando Kosyrev, embaixador soviético, na Itália, transmitiu os cumprimentos de Chruscëv pelos oitenta anos do papa. Roncalli incumbiu o núncio de Belgrado, Mario Cagna, de levar a resposta ao embaixador soviético em Roma: “Sua Santidade (...) agradece os cumprimentos e envia a todo povo russo o seu desejo de coração pelo desenvolvimento e consolidação da paz universal por meio de acordos favoráveis em humana fraternidade”. Em março de 1963, João XXIII concedeu uma audiência ao genro de Chruscëv, Aleksei Adjubej e sua esposa, fato que provocou críticas abertas ao ato do papa dentro dos altos círculos da Santa Sé. Aflição infundada, pois o papa, além de não ter dado caráter oficial à visita, também não demonstrou vontade imediata de manter relações diplomáticas com o governo soviético.²⁷

Em outro caso, mais bem-sucedido, com relação à diplomacia da política da Santa Sé com um governo comunista foi o da Revolução Cubana. Além de não excomungar Fidel Castro, apesar das pressões diplomáticas de países europeus e dos americanos, o papa ainda aceitou as credenciais do embaixador cubano junto à Santa Sé e, enviou Mons. Cesare Zacchi para núncio apostólico em Havana. João XXIII, “em 1961 (...) dirigiu-se às grandes potências enviando um apelo em favor da paz mundial e pelo fim da Guerra Fria. Essa nova atitude do papado surpreendeu a opinião pública internacional que seguiu atentamente também a atuação da mediação pontifícia na crise dos mísseis”.²⁸

²⁷ DESCHNER, Karlheinz. *La Política dei Papi nel XX Secolo*, Tomo II Da Pio XII 1939 a Giovanni Paolo II 1991. Milano: Ariete, 2011, p. 358.

²⁸ CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo do Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 130.

João XXIII soube distender a diplomacia vaticana do Oriente ao Ocidente sob o calor da Guerra Fria. O fim dessa atitude foi revigorar o catolicismo nos países da “Cortina de Ferro”, pois a diplomacia da Cúria romana ficou muito distante da realidade vivida por seus seguidores durante o papado de Pio XII. O papa Roncalli convocou um concílio ecumênico, o Vaticano II, que cinquenta anos depois, ainda provoca tensão dentro da própria Igreja.²⁹ O anúncio que surpreendeu o mundo católico ocorreu no dia 25 de janeiro de 1959, na Basílica de São Paulo Extramuros.³⁰

Não há nenhuma fonte que afirme que João XXIII tenha convocado o Vaticano II para desdobrar o projeto geral de um concílio pensado por Pio XII.³¹ Sem dúvida é necessário compreender a convicção de Roncalli sobre a Igreja para entender suas atitudes e a convocação para o Vaticano II.

...antes de mais nada, a convicção de Roncalli sobre a natureza da Igreja como jardim e não como museu, como se fosse uma antiguidade a ser preservada. Além disso, note-se também um certo anseio presente em vários setores, sobretudo nos grandes movimentos (bíblico, ecumênico e litúrgico), e enfim a busca insistente por um maior respeito pelas responsabilidades do episcopado, que se tornou atual não só pela avaliação de que a eclesiologia do Concílio Vaticano I era incompleta, mas sobretudo por um novo enfoque dado à grande tradição da Igreja do primeiro milênio.³²

A sessão pública de abertura do Concílio Vaticano II aconteceu no dia 11 de outubro de 1962 na presença de 2.540 padres conciliares, com direito a voto, na Basílica de São Pedro.³³ O papa que convocou, mesmo contra a vontade da Cúria romana, o Concílio Vaticano II não viu seu fim: João XXIII morreu no dia 3 de junho de 1963. “João XXIII mexeu

²⁹ Veja os comentários de MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 97-128; KASPER, W. *A Igreja Católica*. Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

³⁰ SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera. (orgs.) *Concílio Vaticano II, análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 24.

³¹ CAPRILE, G. Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumênico. In: *Civiltà Cattolica* II (1966) p. 209-227.

³² ALBERIGO, G., op.cit. p. 170-171.

³³ SOUZA, Ney, op.cit. p. 17-67.

em um vespeiro. A Cúria, aparato administrativo do Vaticano, resistia à iniciativa do pontífice. A Igreja deveria permanecer como era: *Roma locuta, causa finita*.³⁴ A preocupação de Roncalli foi mais a de renovar os ares na Igreja católica do que manter o poder curial inabalável.

No discurso de abertura, *Gaudet mater Ecclesia*,³⁵ o papa reafirmava a sua finalidade: aproximar as pessoas no modo mais eficaz possível, o sagrado patrimônio da tradição, levando em consideração as mudanças das estruturas sociais; não condenar os erros, mas mostrar a “validade da doutrina” da Igreja. Ao Concílio confiou a tarefa de aprender a conhecer a unidade querida por Cristo na verdade. João XXIII convida a olhar com confiança as relações Igreja-mundo. O Concílio deveria percorrer a estrada do *aggiornamento*³⁶ da fé às exigências do mundo. O papa concluía com uma oração invocando a assistência divina.³⁷

Com um pontificado marcado pela abertura da Igreja católica para o mundo, o concílio não foi seu único sinal de acolhimento a todos os povos. Sua encíclica *Pacem in terris*,³⁸ de 11 de abril de 1963, escrita já no crepúsculo de uma vida dedicada ao serviço do povo de Deus, foi um dos momentos marcantes do “papa bom” na vida da Igreja, uma grande herança deixada em seu pontificado. Um documento inovador, tema recorrente entre os povos que exigem a verdade como fundamento, a justiça como regra, o amor como motor e a liberdade como clima. Esta encíclica foi como o final de uma sinfonia feita de radiomensagens, cartas e outros documentos. Na encíclica sobre as missões, *Princeps pastorum*, de 28 de novembro de 1959, pronunciou-se a favor do clero indígena e do apostolado leigo nas missões e aprovou a adaptação às culturas não europeias.³⁹ A *Mater et magistra*, de 15 de maio de 1961,

³⁴ KNOPP, Guido. *Vaticano e Pontefici*. Milano: Hobby e Work, 2005, p. 9-10.

³⁵ *AAS* (Acta Apostolicae Sedis) 54 (1962) p. 786-796. Confira um comentário sobre o discurso: MELLONI, A. L'allocuzione *Gaudet mater Ecclesia*. Sinossi critica dell'allocuzione. In: ALBERIGO, Giuseppe (org.). *Fede e tradizione*. Brescia: Paidea Editrice, 1984, p. 223-283.

³⁶ *Enchiridion Vaticanum* I, n. 55.

³⁷ ALBERIGO, G. Formazione, contenuto e fortuna dell'allocuzione. In *Fede Tradizione Profezia*. p. 187-222. O texto oficial se encontra em *AAS* 54 (1962) p. 786-796 e *AS*, I/1, p. 166-175; MARTINA, G. A proposito de studi recenti su Giovanni XXIII. In: *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 39(1985) p. 525-533; MACARRONE, M. Paolo VI e il Concilio: testimonianze. In *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 43 (1989) p. 117. Uma versão italiana do discurso: *EV* I, n. 40-43, o papa convida a olhar com confiança as relações Igreja e mundo.

³⁸ *AAS* 53 (1963) p. 257-304; DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de João XXIII*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 322-375.

³⁹ *AAS* 51 (1959) p. 833-864; *Enchiridion delle encicliche* n. 7, p. 168-221.

continuava a tradição das grandes encíclicas sociais, publicadas a partir de Leão XIII.⁴⁰

A morte do papa no dia 03 de junho de 1963 – Dia de Pentecostes – foi recebida com grande comoção em várias partes do mundo católico. “Ele havia aberto um novo tempo na Igreja, havia proposto os temas essenciais de caridade e unidade (...) das estruturas eclesiais, mas também da reformulação da doutrina”.⁴¹ Impressionante neste momento, diferente de outros tempos, homens e mulheres de todos os países e de todas as religiões choraram a sua morte. João XXIII será canonizado no mês de abril de 2014, pelo papa Francisco.

3 Paulo VI, reformador e incompreendido (1963-1978)

No romance “O Conclave”, escrito pelo sociólogo Fabrício Battistelli, baseado no conclave que elegeu o papa Bento XIV (1740-1758) no século XVIII, há um diálogo bastante sugestivo em relação à realidade vivida por Mons. Montini no papado de Pio XII. “Não creio que Sua Excelência Apolloni tenha probabilidades de se tornar cardeal neste pontificado. O vejo destinado a evangelizar uma diocese de qualquer ilha perdida no Mediterrâneo”.⁴² Entre os cardeais da Cúria romana, o nome de Montini surgia como papável já no ano de 1958. Porém, como no romance, o fato real é que, “Papa Pacelli em 1954 o havia exilado surpreendentemente – ele, por muitos anos seu aluno – em Milão, numa sede cardinalícia, mas sem nomeá-lo cardeal”.⁴³ O papa Pio XII não exilou seu discípulo numa remota ilha do Mediterrâneo, mas também não o elevou ao cardinalato, como no romance.

Talvez, como tratado anteriormente neste texto, o motivo tenha sido sua suposta tendência política de centro esquerda em meio a uma Cúria conservadora e anticomunista. Talvez! Outra situação importante foi a relação de Montini com Pio XII depois da publicação da encíclica *Humani generis* (1950), julgada por este como muito drástica na relação com a ‘nova teologia’. Nos ambientes da cúria, Montini era tachado de progressista. Esse é mais um fator que explica sua transferência

⁴⁰ AAS 53 (1961) p. 401-464; *Enchiridion delle encicliche* n. 7, p. 222-481.

⁴¹ ALBERIGO, Giuseppe (Org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 409.

⁴² BATTISTELLI, Fabrizio. *Il Conclave*. Torino: Einaudi, 2013, p. 168. (nossa tradução)

⁴³ DESCHNER, Karlheinz. *La Política dei Papi nel XX Secolo*, Tomo II Da Pio XII 1939 a Giovanni Paolo II 1991. Milano: Ariete, 2011, p. 370. (nossa tradução)

para a Arquidiocese de Milão.⁴⁴ O fato é que somente após a elevação de Roncalli ao papado, que por muitos anos pairou sob a sombra de Montini, então subsecretário de Estado, é que este se tornou cardeal, o primeiro dos cardeais nomeados pelo papa João XXIII. Mas, de onde veio e que caminho trilhou Montini, homem forte durante a maioria do tempo em que Pio XII esteve no trono de Pedro, mas que não pode se tornar papa com a morte de seu mentor, apesar de já estar figurando entre os favoritos ao cargo?

Para Deschner, já em 1958 o nome de Montini, se fosse cardeal, seria um dos favoritos a ocupar o trono vacante. O colégio cardinalício estava muito dividido: em padres provenientes do aristocrático colégio Capranica e do mais democrático seminário Lateranense, em tradicionalistas e reformistas, em italianos e estrangeiros, em correntes que frequentemente se “comunicavam”. Montini, ainda na condição de bispo poderia ser considerado um papa “de iure”, mas não “de facto”, devido a sua forte influência entre boa parte do colégio cardinalício. Com isso o sucesso de Roncalli foi uma vitória pessoal de Montini.⁴⁵

O papa Paulo VI, Giovanni Battista Montini, nasceu em Concesio, próximo a Bréscia, no ano de 1897. De família abastada, sua mãe, muito católica, era presidente da Associação Católica Feminina de Bréscia; o pai era doutor em direito, escritor e fundador do diário “Il cittadino de Brescia”, foi presidente da União Eleitoral Católica de Brescia, e deputado no parlamento pelo Partido Popular do qual era um dos fundadores. Ordenado sacerdote em 1920, Montini estudou direito eclesiástico na Universidade Gregoriana. Após um exame de admissão tornou-se professor por um curto período. Longinotti, amigo de seu pai, e subsecretário de estado no Ministério do Trabalho, interveio junto ao cardeal Gasparri para que esse fosse admitido na Escola de Diplomacia Pontifícia, chamada na ocasião de “Academia dos Nobres”. Aluno dedicado, foi alçado em pouco tempo para trabalhar na Secretaria de Estado do Vaticano.

Montini ocupou cargos importantes no âmbito da diplomacia pontifícia, entre os quais se destacou sua atuação como Subsecretario de Estado no pontificado de Pio XII. Trabalhou na

⁴⁴ MONDIN, Battista. *Dizionario enciclopedico dei Papi*. Roma: Città Nuova, 1995, p. 558; LEVILLAIN, Philippe. Paulo VI. In: ID. *Dizionario Storico del papato*. Milano: Bompiani, 1996, p. 1092.

⁴⁵ DESCHENER, K., op.cit. p. 369-395.

Secretaria de estado por cerca de 30 anos (...) liberal e progressista, durante o pontificado alternou posições progressistas e posições conservadoras, recebendo o apelido de Hamlet, conhecida personagem shakespeariana que demonstrava indecisão frente a escolhas importantes (...) sua formação anterior que o preparava a ocupar o lugar deixado pelo papa João XXIII. Uma tarefa difícil o esperava, pois João XXIII foi o papa que lançara a Igreja num turbilhão de reformas. Reformas essas que, se de um lado encontraram a oposição do grupo conservador da Cúria Romana, de outro despertavam na maioria dos bispos e cardeais – sobretudo dos outros continentes – a esperança na renovação da Igreja católica.⁴⁶ (sic)

Montini, como arcebispo de Milão (1955-1963), aproximou-se dos operários e das reivindicações da esquerda que atuavam na sua arquidiocese. Também não se esqueceu dos que estavam afastados da Igreja. Um dos eventos de maior importância que realizou em Milão foi a *Missão de Milão* (5-24 de novembro de 1957). Foi um enorme trabalho pastoral que envolveu esta imensa cidade. Preparada durante dois anos, participaram 500 agentes de pastoral, dois cardeais, 24 bispos, sete mil intervenções e palestras nas igrejas, estabelecimentos industriais, entidades culturais. O tema central de todas as pregações foi Deus Pai. O arcebispo Montini participou diretamente destas atividades através do rádio, escritos e conferências. Procurou implantar uma reforma pastoral favorecendo a renovação da liturgia e promovendo a construção de novas igrejas. Consagrou 72 igrejas no período em que permaneceu em Milão. No momento de sua eleição pontifícia, outras 19 igrejas estavam em construção.⁴⁷

No dia seguinte à sua eleição, Paulo VI anunciava, através de uma mensagem radiofônica a sua intenção de continuar o concílio e fixou a data para reiniciar os trabalhos: 29 de setembro de 1963. Demonstrou suas intenções ecumênicas, enviando um representante na celebração no jubileu de ouro do patriarca de Moscou, Alessio. Contrariando a expectativa de alguns purpurados conservadores que preferiam ver o Concílio encerrado, o papa Paulo VI frustrou-os ao elencar entre suas principais tarefas a de dar continuidade ao Vaticano II convocado e iniciado pelo seu antecessor. A eleição de

⁴⁶ CARLETTI, op. cit. p. 135.

⁴⁷ MONDIN, Battista, op. cit. p. 559.

Montini era um triunfo do que havia sido rejeitado nos ambientes romanos nos anos cinquenta. A escolha de Roncalli para o cardinalato do arcebispo de Milão e o início do Vaticano II começará a mudar a vida de Montini. Os ventos contrários a ele na cúria romana através de uma rejeição da sociedade contemporânea começam a soprar em outra direção. Como um historiador e diplomata, Montini foi capaz de superar a ansiedade por mudanças rápidas e passageiras e, esperar ativamente pelas mudanças graduais no processo histórico.⁴⁸ Afirmam Aubert e Soetens que o conclave não escolheu o progressista e atuante no Concílio cardeal Lercaro (Bologna), mas também não escolheu o conservador arcebispo de Gênova, cardeal Siri. Os cardeais preferiram um progressista moderado.⁴⁹

As ações de Montini foram marcadas não apenas pela popular figura de João XXIII, mas também pela experiência que havia acumulado com os papados de Pio XI e Pio XII. O Concílio Vaticano II demonstrou na prática como seria marcado seu pontificado, segundo Carletti,

Durante as sucessivas sessões conciliares, a luta interna entre progressistas e conservadores manteve-se constante. Nessas circunstâncias, Paulo VI devia alternar abertura com conservadorismo num jogo diplomático ao qual estava acostumado pela trajetória precedente. Talvez por isso, o novo pontífice preferiu adotar, no seu governo, um projeto de reforma moderado limitando suas naturais tendências progressistas.⁵⁰

O Concílio foi encerrado solenemente no dia 8 de dezembro de 1965 com a carta apostólica *in Spiritu Sancto*⁵¹ do papa Paulo VI. O tom pastoral empregado por João XXIII foi seguido pelo seu sucessor. No percurso dos trabalhos conciliares, os embates foram frequentes, coisa natural em toda instituição composta por centenas, milhares de homens e mulheres responsáveis pelo pastoreio de milhões de seguidores no mundo. Nesta data foi finalizada a etapa burocrática que se fazia necessária para “aggiornare” o catolicismo. Pela frente ainda estava por

⁴⁸ RICCARDI, Andrea. *Il potere dal papa, da Pio XII a Paolo VI*. Roma-Bari, 1988, p. 222-223.

⁴⁹ AUBERT, Roger; SOETENS, Claude. Le déroulement du concile, in *Histoire du Christianisme*. 13, Crises et renouveau de 1958 à nos jours. Paris: Desclée, 2000, p. 53.

⁵⁰ CARLETTI, op. cit., p. 135

⁵¹ *EVI*, n. 532.

vir um longo processo de recepção⁵² e assimilação por parte dos católicos desta revolução provocada pelo papa João XXIII na Igreja.

Paulo VI, no mesmo espírito de distensão política empregado pelo papa Roncalli, não foi hostil aos comunistas. No ano de 1963, por ocasião da assinatura do Tratado de Proibição de Testes Nucleares, o papa enviou telegramas aos chefes de estado envolvidos nessa negociação, inclusive para o presidente do Conselho de Ministros da então URSS. Intercedeu junto ao presidente americano, Lyndon Johnson, pelo fim dos conflitos com o Vietnã. Paulo VI também empreendeu viagens nunca antes ensaiadas pelos seus antecessores, como para Israel e Índia. Em sua visita aos Estados Unidos, aceitou o convite do presidente da ONU para falar aos membros das Nações Unidas.

Da América Latina, o papa recebeu denúncias da situação aviltante das populações empobrecidas que viviam em situação miserável e em grande parte debaixo de regimes ditatoriais funestos, apoiados pelo capitalismo “democrático” americano. O papa não ficou imune a esta situação. Lançou a encíclica *Populorum Progressio* (1967) que provocou grande debate nos meios eclesiais, e fora dele, principalmente entre os conservadores da Cúria que achavam que o papa havia excedido em suas colocações à esquerda, como, por exemplo, quando citou e questionou a supremacia da propriedade privada em detrimento dos direitos coletivos: “O bem comum exige por vezes a expropriação, se certos domínios formam obstáculo à propriedade coletiva, pelo fato da sua extensão (...) da miséria que daí resulta para as populações, do prejuízo considerável causado aos interesses do país”.⁵³

Uma importante decisão, tomada por Paulo VI, foi a criação, no âmbito da Cúria romana, de um secretariado para os não cristãos (1964). Na sua primeira encíclica *Ecclesiam suam* (1964), foram afirmadas as grandes tarefas da Igreja, ou seja, aprofundar a consciência que a Igreja deve ter de si própria e da verdade que sempre cuida, a necessidade de sua renovação de acordo com as mudanças do contexto histórico e o diálogo com a sociedade contemporânea. O papa publicou outras encíclicas, mas a que trouxe maiores discussões foi a *Humanae vitae* (1968). A encíclica tratava de um assunto altamente complexo para a sociedade: o controle de natalidade. Nunca uma encíclica provocou tantas polêmicas

⁵² CATÃO, Francisco Augusto Carmil. O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, V. (orgs.). Op.cit., p. 95-116.

⁵³ DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 121.

externas e internas. O texto trata da temática da sexualidade humana. A afirmação é que a sexualidade deve ser vista não como prazer animalesco. A incompreensão do documento é, sobretudo devido a uma leitura redutiva da encíclica, levando em consideração sobre a proibição da pílula e ignorando outra parte altamente positiva: a função criativa da sexualidade, não só biológica, mas personalisticamente.

As viagens de Paulo VI assumiram uma dimensão emblemática, reaparecendo nelas a linha que havia traçado em sua primeira encíclica. Em Jerusalém (1964) abraçou com o patriarca Antenágoras o diálogo com todos os cristãos. No Congresso Eucarístico de Bombaim (Índia – 1964), marcou presença no encontro com os fiéis católicos. Discursou na ONU (1965) diante de 117 delegados dos diversos países, marcando assim o diálogo com a sociedade. Celebra missa em Fátima, Portugal, em 1967, comemorando os 50 anos da aparição de Maria aos pastorinhos. No Congresso Eucarístico de Bogotá (1968), abre a II Conferência do Episcopado Latino-Americano de Medellín. É um encontro com os pobres do então terceiro mundo. No encontro de oração no Congresso Ecumênico das Igrejas em Genebra (1969), abraça a todos os irmãos cristãos de outras denominações.

Dentre as numerosas questões que necessitavam de sua atenção, destacam-se estas de maneira especial: a colegialidade episcopal e a relação com o primado do Sucessor de Pedro. Importante também a instituição do Sínodo dos Bispos. Foi um testemunho eloquente, não único, de seus sentimentos. A questão da colegialidade foi para Paulo VI fundamental por estar ligada a outra que o preocupava, o ecumenismo. A estas questões internas se junta a grande questão que na atualidade ainda é de enorme importância e a instituição religiosa tem dificuldade de lidar com a mesma: diálogo com a sociedade. Para encaminhar estas questões, tratadas no Vaticano II, o papa tinha consciência que dentro da instituição havia dois polos opostos em alta conflitividade: novidade e tradição, verdade e caridade, historicidade e permanência, autoridade e liberdade, poder e fraternidade, superioridade e humildade, separação do mundo e unidade com o mundo. Paulo VI também tinha plena consciência que deveria conciliar este binômio. Ainda importante destacar que este pontificado teve início dentro de um período conciliar e sua continuidade difícil nos primeiros anos de um pós-Concílio.

Paulo VI faleceu no dia 6 de agosto de 1978 em Castel Gandolfo, com 81 anos de idade. Foi sepultado na cripta da Basílica São Pedro, numa tumba humilde, como ele mesmo pediu em seu testamento.

Conclusão

O Concílio Vaticano II foi para a Igreja um novo Pentecostes. O Espírito Santo vestiu a Igreja com uma nova roupagem, costurada na sua Tradição. Este evento copernicano foi concebido pelo papa João XXIII. Graças a sua imensa coragem, iniciou este novo processo para a instituição religiosa. Seu pontificado de *transição* é um alerta para a história da Igreja: em pouco tempo, é possível iniciar um grande processo de mudanças, mudanças, obviamente, que já estavam em curso desde o início da modernidade com a Reforma Protestante e que tiveram dinâmicas de aceleração com a revolução francesa (1789), com a explosão da industrialização e os desdobramentos das guerras no século XX.

Aquele que havia sido eleito como um modesto papa de *transição* organizou um poderoso processo histórico, teológico e pastoral para se transitar. João XXIII tinha consciência que estava vivendo dentro de um período de transição, transição de uma época a outra. Com o Concílio o papa encerrou a época pós-tridentina, modelo de Igreja que amava ser o centro do universo contra um mundo perdido, no erro da modernidade. O papa proporciona, através do Vaticano II, a passagem, por isso evento pascal, a uma Igreja a serviço e em diálogo com a sociedade contemporânea.

Após seu rápido e extraordinário pontificado e diante de tantas dificuldades, a nave se sentia ameaçada de tomar uma direção incerta. Neste momento difícil, o conclave escolheu Giovanni Battista Montini para ser o timoneiro desta barca e do Concílio. Este timoneiro, Paulo VI, conhecia o mapa da humanidade e as condições da barca. Timoneiro que não só sentiu dificuldades na condução do Concílio devido às diversas correntes teológicas, mas também no pós-Concílio. O pontificado, como foi apresentado neste texto, apresenta uma série de elementos interessantes como a relação positiva com o mundo contemporâneo. Porém o papa sofrerá inúmeras dificuldades dentro e fora da instituição religiosa como as questões do divórcio e sua ingerência nas questões do Estado e do controle da natalidade.

Contudo, apesar das dificuldades de Paulo VI, este soube, com grande mérito, colocar no centro da vida da Igreja as questões pertinentes do Vaticano II, apesar das críticas que recebeu tanto da esquerda progressista como da direita conservadora. O papa fez perceber que o Concílio havia enriquecido a Tradição católica, traçando uma imagem

bem mais completa da Igreja. Papa do diálogo, tratou de derrubar a barreira que separava a Igreja da cultura moderna, dando ao seu magistério um horizonte muito mais vasto daquele da Igreja.

O sonho de João XXIII continuado por Paulo VI ainda se encontra no mundo dos desejos. É necessário exercitar e muito *ad intra* o diálogo para que se possa inclusive ter liberdade de pensar, de escrever, de debater e, assim, reformular as estruturas para que aconteça, de fato, no mundo real, a colegialidade, participação e comunhão. Nesse processo continua o caminho eclesial o papa Francisco, lembrando que é mais importante a preocupação com o tempo do que ocupar espaços.

Referências

Documentos do magistério

AAS *Acta Apostolicae Sedis* 51 (1959) p. 833-864.

AAS 53 (1961) p. 401-464.

AAS 54 (1962)

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Gregório XVI e Pio IX*. São Paulo: Paulus, 1999.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de João XXIII*. São Paulo: Paulus, 1998.

DOCUMENTOS DA IGREJA. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

EE *Enchiridion delle Encicliche*. Bologna: Dehoniane, 1995.

Enchiridion Vaticanum I, n. 55.

Bibliografia

ALBERIGO, G. Il pontificato di Giovanni XXIII. In: FLICHE, A.; MARTIN, V. (dir.). *Storia della Chiesa*. XXXV/1, Milano: San Paolo, 1994.

_____. *Ángelo José Roncalli*. João XXIII. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. Formação, conteúdo e fortuna dell'allocuzione. In: *Fede Tradizione Profesia*. Brescia: Paidea, 1984, p. 187-222.

_____. *Ángelo José Roncalli*. João XXIII. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. La condenación de los comunistas en 1949. In: *Concilium* 107 (1975). p. 114-122.

_____. (Org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

ARENDE, Hannah. Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963. In: ID. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 67-79.

- AUBERT, Roger; SOETENS, Claude. Le déroulement du concilie. In *Histoire du Christianisme*. 13, Crises et renouveau de 1958 à nos jours. Paris: Desclée, 2000.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- BATTISTELLI, Fabrizio. *Il Conclave*. Torino: Einaudi, 2013.
- CAPRILE, G. Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumênico. In: *Civiltà Cattolica* II (1966), p. 209-227.
- CÁRCEL, Vicente. *Historia de la Iglesia*. III. La Iglesia en la época contemporânea. Madrid: Pelicano, 2009.
- CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo do Vaticano e a Nova Ordem Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- CATÃO, Francisco Augusto Carmil. O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera (Org.). *Concílio Vaticano II Análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DESCHNER, Karlheinz. *La Política dei Papi nel XX Secolo*, Tomo II: Da Pio XII 1939 a Giovanni Paolo II 1991. Milano: Ariele, 2011.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JEDIN, H. Il Concilio Vaticano II. In: _____. (Org.). *La Chiesa nel ventesimo secolo*. X, Milano: Jaca Book, 1995.
- JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- KASPER, W. *A Igreja Católica*. Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- KNOPP, Guido. *Vaticano e Pontefici*. Milano: Hobby e Work, 2005.
- LEVILLAIN, Philippe (Dir.). *Dizionario Storico del Papato*. Bompiani: Milano, 1996.
- MACARRONE, M. Paolo VI e il Concilio: testimonianze, in: *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 43 (1989), p. 115-123.
- MANOEL, Ivan A. *O Pêndulo da História: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: UEM, 2004.
- MARTINA, G. A proposito de studi recenti su Giovanni XXIII. In: *Rivista di storia della Chiesa in Itália* 39 (1985), p. 525-533.
- MELLONI, A. L'allocuzione *Gaudet mater Ecclesia*. Sinossi critica dell'allocuzione. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org.). *Fede e tradizione*. Brescia: Paidea Editrice, 1984.
- MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MONDIN, Battista. *Dizionario enciclopedico dei Papi*. Roma: Città Nuova, 1995.
- RICCARDI, Andrea. *Il potere dal papa, da Pio XII a Paolo VI*. Roma-Bari, 1988.

SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera (Org.) *Concílio Vaticano II Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SOUZA, Ney; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Catolicismo e sociedade contemporânea*. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013.

ZIZOLA, Giancarlo. *Santità e Potere*. Milano: Sperling e Kupfer, 2009.

ZIZOLA, Giancarlo. *Il conclave, storia e segreti*. Roma: Newton Compton, 1990.

Recebido: 20/01/2014

Avaliado: 21/01/2014